

**LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO DIGITAL:  
COMO A TECNOLOGIA PODE INFLUENCIAR O ENSINO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA**

*Rysian Lohse Monteiro* (UENF)

[ryasianmonteiro@gmail.com](mailto:ryasianmonteiro@gmail.com)

*Luciana da Silva Almeida* (UENF)

[almeida.92luciana@gmail.com](mailto:almeida.92luciana@gmail.com)

*Tatiane Almeida de Souza* (UENF)

[tatianealmeidauenf@gmail.com](mailto:tatianealmeidauenf@gmail.com)

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)

[elinaff@gmail.com](mailto:elinaff@gmail.com)

**RESUMO**

O cenário educacional contemporâneo se caracteriza pela forte presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), o que impõe desafios aos professores e a escola, uma vez que cabe a ambos oportunizar ao aluno o desenvolvimento de competências e capacidades necessárias para integrar-se como cidadão na sociedade globalizada, tecnológica e digital. Para isso, é necessário tanto repensar a educação quanto buscar os fundamentos para o uso das tecnologias e das novas linguagens que causam grande impacto na educação e determinam uma nova cultura na sociedade. Diante desse contexto, esse trabalho tem como objetivo discutir o ensino de leitura e escrita sob a perspectiva dos letramentos digitais, uma vez que, cada vez mais se espera que o ensino de Língua Portuguesa proporcione a construção de habilidades mais aprofundadas e funcionais. Para embasar teoricamente esse trabalho, nos valem de estudos realizados por Ribeiro (2018), Coscarelli (2016), Rojo (2012), entre outros. Destacamos que é preciso discutir as implicações da incorporação de práticas de letramento digital nas escolas visando um ensino significativo com o intuito de proporcionar aos educandos uma educação modernizada, mas que ainda existe um distanciamento entre o que se ensina/aprende na sala de aula e as novas competências requeridas pela sociedade digital, necessárias para atuar no mundo além dos muros da escola.

**Palavras-chave:**

**Escrita. Leitura. Letramento Digital.**

**ABSTRACT**

The contemporary educational scenario is characterized by the strong presence of Digital Technologies of Information and Communication (TDIC), which poses challenges to teachers and the school, since it is up to both to provide the student with the development of skills and abilities necessary to integrate as a citizen in a globalized, technological and digital society. For this, it is necessary both to rethink education and to seek the foundations for the use of technologies and new languages that have a great impact on education and determine a new culture in society. Given this context, this work aims to discuss the teaching of reading and writing from the perspective of digi-

tal literacy, since it is increasingly expected that the teaching of Portuguese will provide the construction of deeper and more functional skills. To theoretically support this work, we draw on studies carried out by Ribeiro (2018), Coscarelli (2016), Rojo (2012), among others. We emphasize that it is necessary to discuss the implications of incorporating digital literacy practices in schools aiming at meaningful teaching in order to provide students with a modernized education, but that there is still a gap between what is taught/learned in the classroom and the new skills required by the digital society, necessary to act in the world beyond the school walls.

**Keywords:**

**Reading, Writing, Digital Literacy.**

## **1. Introdução**

O avanço acelerado das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) impõe algumas barreiras aos professores e a escola, uma vez que somos fortemente influenciados pela mídia atualmente. Sendo assim, um dos grandes desafios para a educação é formar cidadãos críticos em uma sociedade em que os jovens estão cada vez mais voltados para o mundo virtual.

Esse contexto evidencia que as concepções teóricas e metodológicas preconizadas pelos documentos oficiais só serão de fato incorporadas à Educação Básica e, de alguma forma, fizerem parte das políticas de formação de professores, não só a continuada, mas também a inicial.

As iniciativas governamentais podem contribuir para dar novos rumos à educação e à escola, mas elas não surtem efeito automaticamente. Isso quer dizer que a publicação e a eventual leitura dos documentos publicados pelas secretarias do MEC, assim como a adoção dos livros didáticos selecionados pelo PNLD, não são suficientes para que novas concepções de linguagem, ensino e aprendizagem sejam postas em prática nas salas de aula do ensino regular.

Nesse cenário, o percurso a ser trilhado para diminuir o descompasso entre o que é proposto e o que se faz na Educação Básica, uma questão crucial se impõe: as concepções teórico-metodológicas que inspiram as iniciativas do governo necessitam repercutir efetivamente na formação inicial e continuada para poderem repercutir na atuação dos professores.

Sendo assim, nesse trabalho pretendemos discutir o ensino de leitura e escrita sob a perspectiva dos letramentos digitais, pois quando se

trata de desenvolver o letramento digital ainda existem desafios a serem enfrentados por parte da escola, dos professores e também dos alunos, visando a um ensino significativo com o intuito de proporcionar aos educandos uma educação modernizada, atendendo as exigências da nova era, como forma de instituir o pleno domínio da própria cidadania.

## **2. *Leitura, escrita e letramento digital***

Compreendemos que a linguagem exerce um papel fundamental na formação crítica dos cidadãos. Pois, é através dela que os discursos podem ser analisados e ter seus significados negociados e construídos socialmente. E que ainda nos permite compreender que a leitura crítica pode ser provocada a partir do trabalho desenvolvido pelos professores, permitindo que os alunos cheguem às várias interpretações possíveis dos discursos produzidos nos textos (orais e/ou escritos) que são trabalhados em sala de aula. Diante disso, Rojo (2012) defende conceito de multiletramentos:

O conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13)

Nesse contexto, Zacharias (2016) ressalta a importância de inserirmos na escola uma pedagogia que leve em conta o universo multimidiático e multissemiótico marcado pelos ambientes digitais, assim como Ribeiro (2018) também aponta.

De umas décadas para cá, vimos ouvindo falar de uma cultura digital, então parte da cultura escrita, tão nova e tão característica que alguns vêm enviando esforços para descrevê-la e mesmo ensiná-la. O que a propicia é um novo modo de escrever, por meio de máquinas e de redes telemáticas, alterando os letramentos e as relações das pessoas com o escrito, o texto, os formatos, as leituras, as formas de produção, publicação, edição, difusão e circulação de objetos de leitura. (RIBEIRO, 2018, p. 13)

Sendo assim, precisamos refletir sobre o conceito de letramento digital, segundo Ribeiro (2016, p. 163) “ser letrado digitalmente significa modificar os modos de ler e escrever a materialidade verbal e não verbal (imagens, desenhos, símbolos, ícones, gráficos etc.), além de significar compreender as diferenças impostas pelo suporte digital”. Ribeiro (2016) ainda destaca:

O letramento digital deve ser pensado como “letramentos digitais”, que envolvem inúmeras práticas sociais e concepções para se poder realizar pesquisas na internet, acessar links de navegação, avaliar a credibilidade das fontes, compreender e produzir gêneros multimidiáticos, dentre outras. Sob esse prisma, a busca, a navegação, a colaboração e a participação na rede são diferentes práticas sociais do ciberespaço, estreitamente relacionadas às identidades e aos valores dos grupos sociais aos quais pertencem os usuários da internet. (RIBEIRO, 2016, p. 163)

Diante disso, o que diferencia o letramento tradicional do letramento digital é que este último direciona “as práticas de leitura e da escrita digitais, na cibercultura, de modo diferente daquele como são conduzidas as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas” (SOARES, 2002, p. 146). Ainda nesse contexto Ribeiro ressalta que:

Assim que as tecnologias digitais se popularizaram no Brasil, nos anos 1990, foi possível perceber um movimento novo em direção à pesquisa e ao ensino, impactados pela chegada de computadores e softwares que vinham substituir certos modos e práticas, por exemplo, de leitura e escrita. Se não vinham propriamente para substituir, vinham reposicionar elementos de importância para o letramento, assim como pôr em xeque questões ligadas à cultura impressa – mas não à cultura escrita em seus fundamentos. (RIBEIRO, 2018, p. 99)

Cerigatto e Casarin (2015) destacam que a leitura não é mais linear e fechada, mas sim, dinâmica e aberta, exigindo muita seletividade de informação. Nesse novo cenário, Santaella (2004) considera o hipertexto uma nova linguagem, conforme afirma a autora,

Antes da era digital, os suportes estavam separados por serem incompatíveis: o desenho, a pintura e a gravura nas telas, o texto e as imagens gráficas no papel, a fotografia e o filme na película química, o som e o vídeo na fita magnética. Depois de passarem pela digitalização, todos esses campos tradicionais de produção da linguagem e processos de comunicação humanos juntaram-se na constituição da hiper-mídia. Para ela convergem o texto escrito (livros, periódicos científicos, jornais, revistas), o audiovisual (televisão, vídeo, cinema) e a informática (computadores e programas informáticos). Aliada às telecomunicações (telefone, satélites, cabo) das redes eletrônicas, a tecnologia da informação digital conduziu à disseminação da internet que resultou da associação de dois conceitos básicos, o de servidores da informação com o de hipertexto. O usuário pode navegar de um texto em um servidor para qualquer outro, bastando para isso seguir alguns protocolos muito simples. O universo virtual das redes tem se alastrado tão exponencialmente por todo o planeta a ponto de produzir a emergência de uma nova forma de cultura, a cultura do ciberespaço ou cibercultura. (SANTAELLA, 2004, p. 390)

De acordo com Santaella (2004), nessa nova realidade surge um novo tipo de leitor. Assim, Cerigatto e Casarin (2015) entendem que

As formas hibridizadas da linguagem, os novos fenômenos e produções advindos da internet, a forma não linear de navegação, novas formas de ler e escrever no mundo digital. Esse contexto exige novos conhecimentos e estratégias para lidar com esses novos textos e gêneros na tela do computador, com novos formatos de informação. Surge a necessidade de educação para o uso da informação e desenvolvimento de competências no cenário digital, que vai muito além de saber usar o computador e a tecnologia. (CERIGATTO; CASARIN, 2015, p. 48)

Logo, concordamos com Rojo (2009) quando afirma que: o ensino na escola deve contribuir para que o aluno “desenvolva certas competências básicas para o trato com as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas, de maneira crítica, ética, democrática e protagonista” (ROJO, 2009, p. 119). Sobre o papel do professor, é importante destacar que ter acesso e uso instrumental não torna o professor letrado digitalmente, para tanto é preciso que se incorporem os recursos digitais as práticas pedagógicas, portanto, essa deveria ser também uma das metas da formação dos professores, a fim de prepará-los para o ensino mais contemporâneo.

### ***2.1. Tecnologias da Informação e Comunicação e o Ensino de Língua Portuguesa***

As mudanças socioculturais geradas pela globalização e pelo avanço da tecnologia não podem ser ignoradas pelas escolas, tão pouco pelos cursos de formação de professores. Entretanto, ainda existe um distanciamento entre o que se ensina/aprende na sala de aula e as novas competências requeridas pela sociedade digital, necessárias para atuar no mundo além dos muros da escola. Nesse sentido, Lévy (1991) destaca:

É preciso colocar as pessoas nessa situação de curiosidade, nessa possibilidade de exploração. Não individualmente, não sozinhas, mas juntas, em grupo. Para que tentem se conhecer e conhecer o mundo a sua volta. E, uma vez compreendido esse princípio de base, todos os meios servem, os meios técnicos servem. Os meios audiovisuais, interativos, os mundos virtuais, os grupo de discussão, tudo o que quisermos. (LÉVY *apud* KENSKI, 2001)

Compreendemos que a linguagem exerce um papel fundamental na formação criticados cidadãos. Pois, é através dela que os discursos podem ser analisados e ter seus significados negociados e construídos socialmente. Dessa maneira, a partir do trabalho desenvolvido pelos

professores, pode permitir que os alunos cheguem às várias interpretações possíveis dos discursos produzidos nos textos (orais e/ou escritos) que são trabalhados em sala de aula. Nesse sentido, Hoppe (2014) destaca que;

O investimento em novas práticas na formação inicial de professores pode contribuir significativamente para que ocorram mudanças relevantes na escola. Assim, percebemos ainda, que os professores procuram (re) pensar seus cursos de formação e suas aulas para possibilitar, por meio da reflexão crítica sobre os modos atuais de usar a escrita e a leitura. E, que façam a incorporação efetiva das tecnologias no ensino/aprendizagem e destacam a importância de discutir questões sobre as implicações sociais e culturais das novas práticas letradas. (HOPPE, 2014, p. 207)

Ainda, por mais limitada e arcaica que sejam as atividades desenvolvidas em sala de aula, uma parcela dos alunos ainda consegue fazer uso da leitura e da escrita para poder interagir em diferentes contextos sociais, nas quais essas práticas são necessárias, legitimando a afirmação de Magda Soares: “o letramento abre caminhos para o indivíduo estabelecer conhecimentos do mundo em que vive”. Kleiman (2005) e Soares (2008), afirmam que ações e atividades desenvolvidas em sala de aula, dentro de um contexto adequado, modificam o comportamento dos alunos, fazendo com que eles façam uso da leitura e da escrita, como prática social, facilitando sua inserção e participação na sociedade. Para Freitas (2010):

Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental. (FREITAS, 2010, p. 30)

Nesse contexto, entendemos que é necessário repensar a formação inicial dos professores, pois, segundo Kenski (2001);

Estes posicionamentos críticos em relação às tecnologias são fundamentais na orientação de um programa de formação de professores para a sociedade contemporânea, sobretudo no Brasil. Trata-se de formar professores que não sejam apenas usuários ingênuos das tecnologias, mas profissionais conscientes e críticos que saibam utilizar suas possibilidades de acordo com a realidade em que atuam. (KENSKI, 2001, p. 77)

Se a “comunicação mediada pelo computador oferece muitos exemplos de novos usos de linguagem e da premente necessidade de modificar as concepções anteriores de linguagem, cultura e conhecimento” (BRASIL-SEB, 2006, p. 105), é imprescindível que, na formação inicial, o futuro professor possa vivenciar e entender a modificação dessas concepções. Pois, segundo Hoppe (2014) a formação de professores exerce importante papel para a sociedade, contribuindo tanto para a evolução e o aperfeiçoamento do professor quanto para o sucesso escolar.

### **3. Considerações finais**

Diante do exposto e em face do intenso desenvolvimento de tecnologias de comunicação e informação é imprescindível que a escola esteja aberta às mudanças que a inserção da sociedade no mundo digital exige.

Dessa forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a necessidade de “oportunizar o reconhecimento das potencialidades das tecnologias digitais para a realização de atividades relacionadas a todas as áreas de conhecimento, às diversas práticas sociais e ao mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 474).

Segundo Imbernón (2010) é fundamental propor novas metodologias adequadas à realidade social e dentro do contexto dos alunos, portanto, que considerem as tecnologias digitais como ferramentas que auxiliam para a abstração dos conhecimentos, em perspectiva tanto teórica como prática, levando em conta a observação, o debate, a reflexão, o contraste de pontos de vista e a análise da realidade social.

Portanto, a escola como um todo, equipe gestora e professores, precisa estar preparada e qualificada para as rápidas mudanças que vem ocorrendo no mundo. É evidente que a pandemia de Covid-19 acelerou o uso das tecnologias no ensino, mas é fato que ela teria que ocorrer em algum momento. Sendo assim, é necessário que a partir de agora se domine as ferramentas digitais disponíveis para o processo de ensino e aprendizagem, além de discutir as implicações da incorporação de práticas de letramento digital nas aulas de língua portuguesa, visando proporcionar a todos os educandos um ensino significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação É a base*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CERIGATTO, M. P. CASARIN, H.C.S. Novos Leitores, Novas Habilidades de Leitura e Significação: desafios para a *media e information literacy*.in: *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 39-52, jan./abr.2015.

COSCARELLI, C. V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016. 192p.

FREITAS, M. T. Letramento Digital e Formação de Professores. *Educação em Revista*, n. 03, p. 335-62, Belo Horizonte, 2010.

HOPPE, M. C. A formação de professores: o letramento crítico na sala de aula e as práticas sociais. *Uniletras*, v. 36, n. 2, p. 201-9, Ponta Grossa, jul/dez. 2014.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2010. 120p.

KENSKI, V. M. Em direção a Uma Ação Docente Mediada Pelas Tecnologias Digitais. In: BARRETO, R.G. (Org.). *Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: Avaliando Políticas e Práticas*. Rio de Janeiro: Quarter, 2001.

KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

RIBEIRO, A. L. Jogos Online no Ensino-Aprendizagem da Leitura e da Escrita. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016. Cap. 10. p.160-74

RIBEIRO, A. L. *Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação*. São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos: escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_. R; ALMEIDA, E. M. (Orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012, 264p.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor*



imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V.M. (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2002, p. 89-113

\_\_\_\_\_. *Alfabetização e Letramento*. 5. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

ZACHARIAS, V.R.C. Letramento Digital: Desafios e Possibilidades para o Ensino. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016. Cap. 1. p. 16-29